

## ARTIGOS

Sueli de Fátima Caetano Coppi<sup>I</sup>

Mariana Cunico da Silva<sup>II</sup>

Victoria Sara de Arruda<sup>III</sup>

### Poetry Slam na socioeducação, Vidas-Palavras em transform(ação)

Poetry Slam in socioeducation,  
Life-Words in Transform(action)



#### RESUMO:

Este estudo tem o objetivo de explicitar práticas educacionais construídas mediante a Poetry Slam (batalhas de poesia falada) com adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação em um Centro de Atendimento Socioeducativo, em um município do interior do estado de São Paulo (Brasil). As discussões partem dos resultados de uma pesquisa-ação que analisou a contribuição da poesia Slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e para construção de Projetos de Vidas políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação. Nesse contexto, emergiu uma experiência em que foi possível realizar oficinas pautadas pelos processos identitários, de narrativas autobiográficas e de performance poética. Momentos em que observou-se significativos e potentes movimentos de empoderamento juvenil, ocorrendo a sistematização e apropriação de conhecimentos no que diz respeito aos direitos humanos, aos contextos históricos de vivências e (res)significações quanto às necessidades para construção de projetos de vidas. Sendo um envolvimento transformador em que os sujeitos em privação de liberdade revelaram suas existências através de seus corpos e palavras de modo histórico e singular. Diante disso, as práticas educativas com a poetry Slam contribuíram significativamente para quebrar estigmas marginalizadores e excludentes, abrindo espaços para construção de projetos de vidas políticos e emancipatórios, configurando-se a potencialidade de vidas-palavras que mobilizam para a transform(ação).

**Palavras-chave:** Poetry Slam; Socioeducação; Projetos de vidas; Emancipação humana

#### ABSTRACT:

This study aims to explain educational practices built through the Poetry Slam (battles of spoken poetry) with adolescents and young people in fulfillment of socio-educational measure of hospitalization in a Center for Socio-educational Care to in a municipality in the state of São Paulo (Brazil). The discussions start from the results of a research-that analyzed the contribution of Slam poetry to the recognition and understanding of human rights and the construction of political and emancipatory Life Projects of adolescents and young people in fulfillment of socio-educational measure of Internment. In this context, an experience emerged in which it was possible to hold workshops guided by identity processes, autobiographical narratives and poetic performance. Moments in which significant and powerful youth empowerment movements were observed, with the systematization and appropriation of knowledge regarding human rights, historical contexts of experiences and (res)needs for construction of life projects. A transformative process in which subjects in deprivation of liberty revealed their existences through their bodies and words in a historical and singular way. Given this, educational practices with Poetry Slam contributed significantly to break marginalizing and exclusionary stigmas, opening spaces for the construction of political and emancipatory life projects, configuring the potential of liveswords that mobilize to the Transform(action).

**Keywords:** Slam poetry; Socioeducation; Lifes projects; Human emancipation

<sup>I</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; Professora, Secretaria Municipal de Educação, Rio Claro, SP, Brasil. [sueli.coppi@unesp.br](mailto:sueli.coppi@unesp.br),  <https://orcid.org/0009-0006-0731-6499>

<sup>II</sup> Mestranda pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Professora, Secretaria Municipal de Educação, Rio Claro, SP, Brasil. [mariana.cunico@unesp.br](mailto:mariana.cunico@unesp.br),  <https://orcid.org/0009-0009-2577-5164>

<sup>III</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Professora, Secretaria Municipal de Educação, Rio Claro, SP, Brasil. [victoria.arruda@unesp.br](mailto:victoria.arruda@unesp.br),  <https://orcid.org/0009-0009-3101-8581>

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de explicitar práticas educacionais construídas mediante a Poetry Slam (batalhas de poesia falada) com adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação em um Centro de Atendimento Socioeducativo, em um município do interior do estado de São Paulo (Brasil). As discussões partem dos resultados de uma pesquisa-ação que analisou a contribuição da poesia Slam para o reconhecimento e entendimento no que concerne aos Direitos Humanos e para construção de Projetos de Vidas políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação. Para melhor entendimento da materialidade das vivências desses processos, torna-se pertinente adentrarmos as especificidades da Poetry Slam.

Sendo assim, a Poetry Slam trata-se de um campeonato de poesia falada que surgiu no território norte-americano, no final da década de 1980, pela mente inquieta de Marc Kelly Smith que idealizou esse movimento. Motivado pelo desejo de criar um ambiente de leitura de poemas que fosse acolhedor e acessível às pessoas que não fossem do círculo acadêmico elitista, onde pudessem se sentir à vontade para construir e declamar seus poemas.

Possuindo como significado, a palavra Slam

*“é uma onomatopeia da língua inglesa utilizada para indicar o som de uma batida de porta ou janela, seja esse movimento leve ou abrupto. Algo próximo da nossa “pá!” em língua portuguesa”* (NEVES, 2017, p.93). Marc Kelly Smith apropriou-se desse termo dos torneios de baseball, de tênis, de bridge e de basquete.

No Movimento Slam há três regras principais para a escrita dos poemas e para a construção das performances, embora possam sofrer alterações de Slam para Slam, as principais regras são: *“os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, deve ter no máximo três minutos e não devem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical”* (D’ALVA, 2014, p.113).

A presença da plateia é outro aspecto importante nas batalhas de Slam, sendo fundamental para apreciação e julgamento dos poemas (MARTIN E BUENO, 2021), definindo, portanto, os finalistas das batalhas poéticas. Vale ressaltar que não há critérios para a escolha dos jurados, sendo todos os presentes no evento convidados a participarem como avaliadores dos poemas e das performances poéticas, ocasionando em um rompimento com o academicismo e as configurações tradicionais de acontecimentos poéticos. Dessa forma, o movimento Slam foi ganhando o mundo pois *“hoje há Slams de poesia na França, no Reino Unido, na Alemanha, no Canadá, na Austrália, no Zimbábwe,*

em Madagascar, em Cingapura, no Japão etc.” (FREITAS, 2018, p.2).

No Brasil, a responsável por trazer o primeiro evento de poesia Slam ao país foi a poeta (slammer) Roberta Estrela D’Alva, que criou o primeiro Slam no ano de 2008, o Zona Autônoma da Palavra (ZAP). Diante disso, outros Slams floresceram em território brasileiro, sendo os principais deles os coletivos Slam da Guilhermina e o Slam Resistência na cidade de São Paulo.

Cabe ressaltar que no Brasil os eventos de batalhas poéticas passaram a ocorrer em espaços públicos, a céu aberto nas praças centrais sem qualquer estrutura física, atraindo pessoas de diferentes localidades da cidade. Por isso, o Slam Resistência proclama que os Slams Brasileiros são “Ágoras da Contemporaneidade” por seu teor democrático.

Contudo, vale ressaltar que se trata de uma “Ágora da atualidade”, que diferente da Grécia Antiga, não comporta desigualdades e exclusões sociais e econômicas (COPPI, 2023). Por isso, em suas atuações acabam por criar espaços e ambientes de insurgência, por expressarem por meio de vozes e corpos (em sua maioria negros), histórias de vida e suas demandas. Com isso, tem-se o despontar de narrativas autobiográficas que são socializadas de modo ativo e dialético, não havendo espaços para neutralidade, pois, *“a Slam Poetry encena um potencial dialógico [...] entre autor e pú-*

*blico”* (SOMERS E WILLET, 2001, p.43-44).

Nesse cenário, um número considerável de pessoas, com destaque para as juventudes das regiões periféricas passam a ocupar espaços públicos criando significativas relações de humanidade, nas quais prevalecem o diálogo, a poesia e a luta por direitos literários, políticos, econômicos, sociais e culturais, *“Configurando-se em potentes ambientes de produção cultural crítica e criativa”* (MARTIN E BUENO, 2021, p.60).

Nota-se, portanto, a força mobilizadora dos Slams pelo mundo, materializando-se em um movimento que muda as disposições das coisas, que impulsiona transformações, pois é construído a partir de histórias de vidas marcadas pela marginalização, pelos apagamentos e silenciamentos históricos e literários. Possibilitando o emergir de novas necessidades, vidas-palavras que gritam por igualdade e justiça, perpassando por questões de alteridade identitária e, construção de projetos de vida políticos e emancipatórios.

Em vista disso, optou-se para o trabalho de pesquisa a Poetry Slam, com o intuito de ultrapassar as barreiras da socioeducação em um evento investigativo poético com adolescentes e jovens que se encontravam em cumprimento de medida socioeducativa de internação com o objetivo de tocar e provocar por meio da poesia Slam em suas histórias de vida possibilitando o emergir de (res) significações e de novas necessidades para suas

existências.

Como fios norteadores de estudo, apropriou-se da Educação em Direitos Humanos (EDH) e da construção de Projeto de Vida, em um processo que envolveu reconhecimento e entendimento de direitos básicos, sobretudo os Estabelecidos no artigo 227 da Constituição Federal e os preconizados no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Com isso, houve o desencadeamento de alteridade identitária, de identidades políticas (CIAMPA, 1998), meios indispensáveis para uma vida humana com domínio no que concerne a história de vida (passado-presente-futuro), inibindo ações coercivas e que ferem a dignidade humana.

Por isso, denomina-se a construção de projetos de vida políticos e emancipatórios na socioeducação, uma vez que são contra-hegemônicos, assim como o Slam. Na medida que buscam romper com os enquadramentos sistêmicos que são desumanizadores para os corpos periféricos pela perversa lógica capitalista.

## ENCARCERAMENTO DE ADOLESCENTES E JOVENS AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS, VIDAS-PALAVRAS MARGINALIZADAS

O Estatuto da Criança e do Adolescente

(ECA), (BRASIL, 1990), estruturado na Doutrina de Proteção Integral, em que posiciona o adolescente como um sujeito de direitos, na qual deve ser tratado e respeitado com dignidade e com todos os seus direitos resguardados, tendo em vista que se encontra em um momento peculiar de desenvolvimento. Nesse sentido, as políticas públicas devem melhorar e ampliar o sistema de garantia de direitos desse campo social.

No que diz respeito ao adolescente autor de ato infracional os processos de garantia de direitos, tornam-se complexos e contraditórios, uma vez que o ECA estabelece as medidas socioeducativas que se desenvolvem no íterim da *proteção vs punição*. Ao todo são firmadas a execução de seis Medidas, são elas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação em estabelecimento educacional, sendo essa última a de maior gravidade e coloca o adolescente em privação de liberdade.

Nessa circunstância, as ações são direcionadas para os aspectos protetivos e pedagógicos como forma de garantir as superações das condições que impulsionaram o adolescente ao ato infracional. Para garantir e criar tais circunstâncias tem-se o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo - SINASE (BRASIL, 2012), que consiste em uma política pública que deve garantir e criar condições para que o adolescente autor de ato infracional

possa ter garantido todos os direitos previstos nas legislações principalmente saúde, educação, alimentação, esporte, lazer sem os quais tornam-se inviáveis as transformações da realidade concreta em que desenvolvem suas vidas. Por isso, é imprescindível que o atendimento socioeducativo seja pautado na garantia dos direitos humanos e em ações políticas e emancipatórias.

Contudo, os estudos revelam que o sistema de garantias de direitos é negligenciado no decorrer da medida socioeducativa, inibindo os processos emancipatórios nos Centros de Atendimento Socioeducativo ao adolescente privado de liberdade. Carvalho (2015), aponta que nos ambientes de internação os processos educativos não são efetivados plenamente, sobressaindo-se práticas repressivas e autoritárias.

Com isso, percebe-se a urgência em se ampliar as discussões em relação aos direitos humanos de adolescentes e jovens encarcerados, uma vez que o ECA estabelece a garantia de direitos com prioridade para esse campo social, com a precaução que as medidas socioeducativas sejam cumpridas com ênfase nos aspectos formativos, pedagógicos, o que não acontece, permanecendo a lógica punitivista do sistema penal brasileiro.

Por essa razão, o tempo de internação é percebido pelo adolescente como um período insignificante e puramente punitivo. Essa percepção, resulta para o adolescente em privação de liberda-

de, sentimentos de raiva, revolta e injustiça (SOUZA E COSTA, 2012). Contexto que está fortemente relacionado a ausência de propostas pedagógicas que possibilitem a construção da autonomia dos jovens, conforme explicitado por Costa, Alberto e Silva (2019).

Dessa forma, os adolescentes são encarcerados sob a lógica sistêmica que persiste estrategicamente em apenas culpabilizar e punir como uma forma de mascarar as deficiências das instituições públicas que não cumprem seu papel educativo, de segurança e proteção (ADORNO, 2002). Essas questões perpassam diretamente pelo Sistema Penal Juvenil, *“eufemizado pelas nomenclaturas oficiais: Varas Infracionais da Infância e Juventude e medidas socioeducativas — ao invés de penas”* (MARTINS, 2020, p.117).

É preciso então, transformar essa realidade, o que perpassa a Educação em Direitos Humanos. Vale ressaltar que as privações que ferem a existência e o pleno desenvolvimento desses adolescentes, vão muito além da privação de liberdade, uma vez que são em sua maioria pretos e pardos (BRASIL, 2019) e, portanto, dos estratos sociais menos favorecidos da sociedade. Por isso, desde o nascimento se veem privados de direitos básicos para o pleno desenvolvimento humano, como nos aponta Dayrell:

*Os jovens pobres se vêem, assim, privados da escola, privados do emprego, que vêm acom-*

*panhados pela limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, da limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude, e, o que é mais sério, veem-se **privados da esperança***” (DAYRELL, 2001, p.13, **grifos nosso**)

Atingido pelas marcas do capital, o adolescente é inundado pelos mais variados tipos de mercadorias - produtos sedutores - que lhe garante um ilusório espaço de pertencimento e reconhecimento, contudo trata-se de uma inclusão precária instável e marginal (MARTINS, 1997), pois, o jovem não tem acesso às condições econômicas para o consumo, o que faz com que busquem alternativas para terem acesso a tais produtos. Como menciona Carone (2004, p.25), *“Processo em que as necessidades estão submetidas, controladas e manipuladas pela vontade e inteligência do universo das mercadorias”*.

Nesse palco perverso, os adolescentes juntamente com seus familiares (sobre)vivem às margens da sociedade, ocupando posições precárias no mundo do trabalho, compartilhando um contexto cruel de pobreza intensa, realidade que se torna a porta de entrada para o trabalho no comércio varejista de drogas. Esse comércio por sua vez, *“acaba por oferecer posições e remunerações similares ou, muitas vezes, mais vantajosas do que as profissões normalmente ocupadas por esses adolescentes pobres e seus familiares”* (GALDEANO

E ALMEIDA, 2018, p.38).

Dessa forma, os adolescentes são atraídos por uma penosa e nociva rotina no mercado de drogas, que os expõe a diversos riscos, *“que os submetem a situações mental, física, social e moralmente perigosas e prejudiciais”* (GALDEANO E ALMEIDA, 2018, p.59), que como todo trabalho infantil, ocasiona em sérias consequências ao pleno desenvolvimento desses sujeitos, sendo a principal delas a evasão escolar. Estudos realizados por Souza e Silva (2018a), explicitam que quase 80% dos jovens que participam de atividades no tráfico de drogas estão fora dos ambientes escolares, configurando-se a violação do direito fundamental de educação escolarizada, conforme consta no Estatuto da Criança e do Adolescente: *“Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes”* (BRASIL, 1990, p.1).

Importante ressaltar que o envolvimento dos adolescentes e jovens com atos infracionais, implica em tratamento desumano por parte de indivíduos e instituições, que passam a considerá-los e a tratá-los dentro de um imaginário de delinquência, ignorando as relações políticas, sociais e jurídicas que perpassam os processos que envolvem o contato dos adolescentes com o comércio de drogas, delineando o que Lima (2010), denomina de reconhecimento perverso.

Diante disso, torna-se necessário refletir e criar estratégias, metodologias educacionais que possam provocar, abalar e transformar as estruturas desse sistema político, econômico e social cruel e desumanizador para as crianças, adolescentes e jovens.

## POETRY SLAM: VIDAS-PALAVRAS EM TRANSFORM(AÇÃO)

Os estudos realizados nos ambientes de privação de liberdade com adolescentes e jovens, explicitam a força mobilizadora da Arte nos Centros Socioeducativos, revelando *“uma potência capaz de criar novas formas de existência, de expressão de si”* (MARQUES E CARVALHO, 2017, p.218), pois a expressão artística toca na história e nas emoções dos sujeitos, impulsionando rupturas e (res)significações.

Nesse contexto, a Poetry Slam é revolucionária e insurgente, no que concerne aos processos de reconhecimento e afirmação das identidades periféricas. Nesse sentido, Freitas (2019), apresenta a importância do movimento Slam para o desenvolvimento da cidadania e para a ocupação dos espaços públicos (FREITAS, 2019), por meio dos corpos, das vozes, das histórias de vida, das vidas-palavras e das demandas dos que se encontram às margens.

Diante da potencialidade da Poetry Slam

realizou-se um pesquisa-ação em um Centro Socio-educativo no interior do estado de São Paulo, a luz do método do materialismo histórico e dialético, com o qual buscou-se compreender os contextos constitutivos dos adolescentes em privação de liberdade, dentro de uma compreensão histórica, pois os sujeitos desenvolvem-se em uma relação dialética com o social, tornando-se simultaneamente únicos, singulares e históricos (AGUIAR E OZELLA, 2006).

Por meio da pesquisa-ação, que consiste em um movimento cooperativo, ativo interativo, dialógico e dialético (THIOLLENT, 1997), desenvolveu-se oficinas regadas pela poesia Slam com adolescentes encarcerados, adentrando a dimensão subjetiva dessa realidade com questões relacionadas aos Direitos Humanos, aos processos identitários e de construção de projeto de vida.

As oficinas foram estruturadas em 4 fases: a primeira fase contou com 3 oficinas, momentos em que se buscou a construção de vínculos entre os participantes da pesquisa-ação. A segunda foi estruturada em 6 oficinas destinadas, inicialmente, à apresentação da Poetry Slam aos adolescentes e jovens e posteriormente para a realização de atividades referentes à construção identitária e questões relacionadas aos Direitos Humanos. Na terceira fase, constituída por 5 oficinas, foram dedicadas a escrita dos Slams (poemas) pelos adolescentes. A quarta fase foi composta por 3 oficinas destinadas

à construção das performances poéticas dos jovens.

Figura 1 – Representação das oficinas



Fonte: Autoras (2024)

As performances foram realizadas em um Sarau, sendo o ápice da práxis poética. No momento das performances, buscou-se garantir a plenitude poética, impulsionando o rompimento do clima sombrio do cárcere no Centro Socioeducativo e poetizando a criação de novos mundos possíveis. Para análise de toda materialidade produzida durante a pesquisa-ação, recorreu-se aos núcleos de significação (AGUIAR E OZELLA, 2006-2013).

A organização e análise das produções dos adolescentes, culminaram na construção de núcleos de significação de 10 adolescentes participantes da pesquisa-ação. Para explicitar e discutir os movimentos desse processo, faz-se necessário nesse espaço uma síntese das expressões dos jovens. Importante ressaltar que as denominações dadas aos adolescentes durante a discussão, referem-se aos apelidos revelados por eles mesmos

durante a práxis poética.

## POETRY SLAM NA SOCIOEDUCAÇÃO - MATERIALIDADE EM DISCUSSÃO

Diante dos processos vivenciados durante a pesquisa-ação, é possível perceber os contextos de vivências, as memórias e as histórias de vida dos adolescentes e jovens em internação, momentos em que revelaram suas existências. O que representou um movimento dinâmico e significativo, no qual puderam refletir sobre seus poemas autorais marcados com suas próprias histórias de vidas e pelas suas performances.

Dessa forma, têm-se a expressão viva de subjetividades, despontando de corpos, em sua maioria negros, em condição de vulnerabilidade social, estigmatizados e desumanizados. Palavras e vozes que estremecem os muros sistêmicos do cárcere, na medida em que passam a compreender-se humanamente dentro de um modelo político, econômico e cultural racista e desigual.

Por meio de suas escrevivências (EVARISTO, 2016), os adolescentes revelaram frestas de suas lembranças, marcadas pelas rupturas familiares e pela entrada no comércio Varejistas de drogas. Com isso, percebe-se que os núcleos familiares desses adolescentes são marcados por quebras e fraturas, materializadas por assassinatos, prisões, separações, abrigos, repúblicas de amigos, dentre

outros. Dessa forma, *“a ideia de famílias quebradas, portanto, se insere nesta perspectiva, onde a palavra quebrada é tanto verbo como substantivo”* (GALDEANO E ALMEIDA, 2018, P.87).

A Poetry Slam, atinge um significativo trabalho com a memória, em um processo potente de reconhecer a si mesmo de refletir e organizar a existência, o que pode ser explicitado nos momentos em que os adolescentes passam a escrever suas histórias de vida, principalmente as mais dolorosas e marcantes como a perda de familiares no tráfico de drogas, como nos aponta o Jovem Semente: *“tristeza foi quando perdi meu pai e minha mãe”*. O jovem escancara as feridas, as fraturas que lhe atravessam a alma. Outro momento fortemente expressado nos poemas dos jovens foi o início no mercado varejista de drogas, exemplificado neste espaço pelas palavras do jovem Carriola:

*Então, tudo começou quando tinha 9 anos de idade, foi quando tive a curiosidade de experimentar maconha, foi que eu fui me envolvendo um pouco mais nessa vida, daí que comecei com o tráfico [...].*

Essas expressões dos jovens, aproximam-se dos estudos realizados por Tavares, Béria e Lima (2001), que indicam a idade entre 10 e 12 anos para o início do uso e trabalho nos pontos de droga.

Nesse cenário, o jovem Mano Porco, escre-

ve sobre suas lembranças da infância.

*Eu nasci em 2008, dia 3 do mês 3. Aí quando fiz uns 2 anos minha mãe perdeu a minha guarda e dos meus irmãos por causa de uso de drogas e meu pai bebe muito e bate na minha mãe e bate muito, aí eu e meu irmão fomos para o abrigo, aí a minha avó lutou muito na justiça e conseguiu aí nos fomos para São Paulo que ela morava lá e ela era bem de vida, é enfermeira e meu avó era segurança de aeroporto. Mas aí ela fez foi o melhor que teve, porque aí eu sempre tive de tudo. Mas a hora que eu voltei para minha cidade eu tinha uns 7 anos. Aí continuou a vida antiga, de minha mãe usa droga e meu pai bebe.*

Outra história de vida marcada pela ruptura e as fraturas familiares. O adolescente Mano Porco, também revela seu primeiro contato com substâncias ilícitas.

*Aí eu com 10 anos já me envolvi e foi junto com a minha família, meu irmão estava fumando uma maconha, aí ele jogou um pito no chão, aí eu já sabia o que era, mas eu olhei para minha mãe e ela olhou com uma cara tipo pega e fuma, aí eu fui lá e fumei, aí foi a primeira vez que eu fumei.*

Em grande parte das histórias de vida expressada pelos adolescentes, mostram-nos que o uso e entrada para o tráfico, em muitos casos acontecem dentro dos próprios núcleos familiares,

como forma de sobrevivência e existência diante de direitos humanos básicos negados às crianças, jovens e adultos. Nas histórias de vida destaca-se a repetição, configurando-se como um círculo de reproduções de negligências, violências e violações de direitos. O que também é revelado pelo jovem Lemão:

*“Mas fui traficar para ajudar minha família, por causa da necessidade de que passamos em casa. Mas, foi para ajudar minha mãe as coisas que faltava em casa”. “Antes de cair aqui na Fundação eu traficava na boca para minha mãe”.*

Diante disso, as precárias condições de vida e as frágeis composições familiares monoparentais, em que sobressai a figura materna (BRITO, 2008), que em muitos momentos devido aos subempregos e baixos salários não conseguem sanar as necessidades de sobrevivência de sua prole. Processos que se configuram em uma porta de entrada do adolescente ao ato infracional, visto que desde a infância assume responsabilidade financeira para ajudar com a sobrevivência familiar.

Nesse contexto, o jovem HB20, expressa: *“fui pro corre naquele dia pra não faltar o pão de cada dia, para minha coroa ter paz e alegria” / “Mas o mais importante foi quando comecei a saber o que fazer pra ter dinheiro e foi nessa vida loka que cheguei até aqui”.* Esse “fazer”, Martins

(2020), denomina de trabalho infantil, que vem somado a outras privações de direitos.

Vale ressaltar que em se tratando de jovens pretos a situação de perversidade é ainda mais cruel, como podemos observar pelas falas de HB20: *“Na mão deles é só mais um preto”.* Com outras palavras reforça: *“só que as vezes vem os fardados e forja por ser negro do cabelo enrolado, isso causa revolta, atira em nos por andar com uns panos”.*

Observamos a violência policial como instituída e naturalizada, atravessando as vidas desses jovens, em nome de uma moral social empoderada pela farda (*“uns panos”*). Esse tratamento lhe traz um sentimento de revolta: *“cada jovem que toma um tapa na cara, cresce revoltado”.* Infelizmente nesse conflito, denominado por Martins (2020), como a Guerra às drogas tem como consequência a morte desse campo social, um verdadeiro genocídio, principalmente da população negra. De acordo com dados divulgados pelo Atlas da Violência de 2021 (IPEA, 2021), a chance de um negro ser assassinado é de 2,6 vezes superior àquela de uma não negra.

Na contramão desse processo naturalizado de genocídio, em uma perspectiva contra hegemônica, abriu-se espaços por meio da Poetry Slam para reflexão e para construção de conhecimentos pelos adolescentes sobre seus respectivos contextos de vivências, momento significativo que possi-

bilitou o reconhecimento e o entendimento ao que concerne aos direitos humanos e de modo mais específico aos Direitos da Criança e do Adolescente.

Com a apropriação e entendimento de seus direitos essenciais, os adolescentes passaram a reconhecer-se enquanto sujeitos de direitos como podemos observar nas palavras de Biel: *“sou um adolescente, muitos me chamam de delinquente. Artigo 227! Crianças e adolescentes devem ser respeitados”*. O Jovem HB20, também exclama: *“vamos de luta daquilo que é nosso” e mais: “se você conhece seus direitos, começa a desfrutar deles”*. O jovem Lemão também alertava: *“todos temos direitos, muitas das vezes não sabemos que temos direito. O direito de ter um trabalho, uma família. Minha gente, vamos lutar”*.

Nesse movimento de reflexão sobre as suas memórias, sobre seus contextos de vivências e sobre os Direitos Humanos passam a ressignificar suas necessidades de vida. Logo nas primeiras oficinas, apontavam como desejo de futuro ficarem ricos como explicitado pelo jovem Biel: *“meu sonho é ficar rico”*. E, quando indagados sobre o que gostavam ou o que tinham facilidade em fazer logo expressavam: *“eu tenho facilidade em contar nota”* (HB20); / *“Tenho facilidade em vender droga”* (Fofão).

Contudo, com as implicações das práticas educacionais construídas mediante a Poetry Slam,

abriu-se movimentos para novos personagens como proclama o adolescente Biel: *“eu sou o “Biel” vocês acham que eu faço qualquer papel, mas eu quero o papel principal, ser protagonista da minha história”*. Desse modo, um potente e aparente movimento de alteridade identitária começa a florescer, tornando evidente um vigoroso processo de metamorfose, um movimento que se dá *“fundamentalmente como produção de sentido”* (CIAMPA, 1998, p. 92-93).

O entendimento acerca dos direitos dos adolescentes passa a ser mobilizador de mudança, como apresenta HB20:

*“Mas nós não falha na missão porque aprendi meus direitos dentro da Fundação[...], meus irmãos então vamo na luta pra sair daqui e conquistar tudo sem pegar no 8tão. Vou começar a mudança a partir de hoje 01/04/22, daqui da Fundação”*.

Nessa direção, o jovem Mano Porco declama: *“porque agora meus estudos eu vou ter que usar, contra os governantes que só querem nos prejudicar. Pelos meus direitos eu não vou parar de lutar”*.

Nesse espaço de luta e de resistência, tem-se também, o jovem Pitbull do Funk, no qual manifesta o desejo de liberdade de expressão:

*Ai, eu só queria falar que o coração do pobre tá cansado de lutar, vida abalada, vida sofrida,*

*choro, grito e correria. Aí, agora eu vou falar por que o povo preto, tá cansado de choro e de lutar, E sabe que nada vai mudar, pra nois e o beco sempre fica atacado, nois quer soltar a voz.*

Com o emergir de novas necessidades, tem-se também novos desejos, novas possibilidades para suas vidas, perspectivas emancipatórias em relação aos estigmas e estereótipos empreendidos sobre eles. O jovem Biel revela: *“quando sair, advogado quero ser” / “quero conquistar meus sonhos, minha casa e formar advogado, vou lutar fazer faculdade”*. Dessa forma, já não se tratava simplesmente de ficar rico, de ter, mas de ser, ser humano potente em (trans)formação.

Nesse sentido, o jovem Mano Porco munido de palavras expressa: *“quero ser veterinário!”*. O adolescente Carriola também aponta suas palavras:

*“Quando sair daqui de dentro vou fazer diferente”. Consequentemente ele já estabelece suas metas: “Quero fazer curso Cabeleireiro, terminar o Ensino Médio, casar e ter minha família” / “acreditar em mim mesmo, arrumar um trabalho terminar o Ensino Médio”.*

O jovem Lobão estava convicto quanto aos seus projetos de futuro:

*Quando eu sair daqui penso em voltar a ir para*

*escola e um dia realizar meu sonho que é ser advogado, quero muito um dia ser advogado e sei que um dia eu vou conseguir conquistar meu sonho e vou fazer minha família se orgulhar de mim.*

O adolescente HB20, também expressa seus planos:

*“Quero terminar o Ensino Fundamental, fazer faculdade, buscar FIES E SISU, ter um emprego. Quero ser cabeleireiro, comprar meu próprio salão e mais no futuro ensinar meus filhos cortar”.*

Desse modo, por meio da Poetry Slam, da performance, vidas-palavras voltaram seus olhares para si, fazendo estremecer as correntes sistêmicas que os aprisionam, despindo-se das molduras estigmatizantes e desumanizadoras, abrindo-se brechas para movimentos emancipatórios do ser. Diante disso, elevou-se as possibilidades para o *“trans-sonhar”* e conseqüentemente para novas necessidades na e para vida, com abertura para um novo nascimento social: o sujeito de direitos.

## POETRY SLAM NA SOCIOEDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDER(AÇÕES) FINAIS

A Poetry Slam, materializa-se, portanto, em Vidas-Palavras, corpos carregados de historicida-

de, de identidade e de transform(ação). Por isso, é potente na abertura de brechas, de práxis educativas para que adolescentes e jovens em privação de liberdade possam refletir e organizar suas próprias histórias de vida nos contextos em que se desenvolvem humanamente. Uma vez que ao criarem uma produção de Slam, são ao mesmo tempo (res) construídos por essa produção. Com isso, uma poesia de Slam carrega em cada palavra escrita e proclamada, vidas humanas marcadas pelos movimentos de construção identitária, que dialeticamente entrelaça subjetividade e coletividade.

Nesse processo, marcado pela Educação em Direitos Humanos, mobiliza-se uma potente força de oposição aos contextos e ações que desumanizam e aprisionam os sujeitos, impulsionando a construção de Projetos de Vidas políticos e emancipatórios de adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de Internação, palco em que a Poetry Slam expressa a performance visceral e potente da (trans)formação.

O movimento construído pelos jovens durante as oficinas foi, em si, a vivência de seu direito humano de reconhecimento de sua história e de sua força como humano, configurando-se a potencialidade de vidas-palavras que mobilizaram para a transform(ação), fortalecidos pelas escrevivências e pelo fazer artístico.

### **Refletindo a política**

Meu nome é Mano Porco, eu vim para contar,  
que o mundo lá fora é ruim de encarar,  
mas para minha mãe uma casa eu quero dar,  
mas os políticos não vão nos ajudar,  
só querem nos julgar,  
não pensam duas vezes para nos humilhar,  
mas para eles eu vou mostrar,  
que pelos meus direitos eu não vou parar de lutar,  
eu vou mostrar que meu sonho eu vou buscar!  
Tudo que eu quero, vou conquistar!  
Mas na escola eu não gostava de estudar,  
E só sabia bagunçar,  
Mas agora eu não posso pensar,  
em ir pra escola só pra bagunçar,  
Porque agora meus estudos eu vou ter que usar,  
contra os governantes que só querem nos prejudicar,  
além deles nos jogar e nos humilhar,  
os negros da favela.  
Eles podiam ajudar, e a polícia não para de matar!  
e depois fala que veio para ajudar,  
ajudar nada, só vem para humilhar,  
a molecada da quebrada,  
mas essa história tem que mudar, pras crianças  
se espelhar,  
nas pessoas que essa história conseguiram mudar,  
e, eu também vou me espelhar,  
em trabalhadores, ou, em poetas.

*Mano Porco*

## REFERÊNCIAS

ADORNO, S. **Ética e violência: Adolescentes, crime e violência**. In: ABRAMO, H.W.; FREITAS, M. V.V.; SPÓSITO, M. P. (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo. Cortez. p. 97-110. 2002.

ALMEIDA, J. A. M. de. **Sobre Anamorfose: identidade e emancipação na velhice**. Tese Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17083>. Acesso em: 02 fev. 2023.

AGUIAR, W.M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão. Brasília**. v. 26, n. 2. 2006.

AGUIAR, W.M. J.; OZELLA, S. A apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília. v. 94, n. 236, p. 299-322, 2013.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA**. Artigo 121 da Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.

BRASIL, **Presidência da República. Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos. Levanta-**

**mento nacional SINASE 2017**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/LevantamentoAnualdoSINASE2017.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

BRITO, F. S. Mulher chefe de família: um estudo de gênero sobre a família monoparental feminina. 2008 **Revista Urutágua**, n. 15. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/015/15brito.htm>. Acesso em: 20 out. 2023.

CARONE, I. A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In S. T. M. Lane & W. Codo (Orgs.), **Psicologia Social: o homem em movimento** (pp. 20-30). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1984). 2004.

CARVALHO, A. M. B. **Escolarização de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de internação: estudo bibliográfico**. 2015. Dissertação de Mestrado. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=2550530](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2550530). Acesso em: 20 out. 2023.

CIAMPA, A. C. **BRASIL Identidade humana como**

**metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno.** Interações, São Paulo, v. 3, nº. 6, p. 87-101, jul/dez. 1998.

COSTA, C. S. S.; ALBERTO, M. F. P.; SILVA, E. B. F. L. **Vivências nas Medidas Socioeducativas: Possibilidades para o Projeto de Vida dos Jovens.** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gGk76g3HvbkQ95Y6G6ryGKB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2023.

D'ALVA, R. E. **Teatro hip-hop: a performance poética do atorMC.** São Paulo. Perspectiva. 2014.

DAYRELL, J. **A MÚSICA ENTRA EM CENA: O RAP E O FUNK NA SOCIALIZAÇÃO DA JUVENTUDE EM BELO HORIZONTE.** Dissertação Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2001. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/6c04/1b1765113030830a3d1ecf3f8f3ba4874bf7.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.

DUDH, **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Resolução 217 A III.

EVARISTO, C. **A gente combinamos de não morrer.** In: EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas. Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

FREITAS, D. S. de. *apud* AFONSO, L. **Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência.** Artigo. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas. 2019. Disponível em: <http://old.scielo.br/pdf/elbc/n59/2316-4018-elbc-59-e5915.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GALDEANO, A. P.; ALMEIDA, R. **TRÁFICO DE DROGAS ENTRE AS PIORES FORMAS DE TRABALHO INFANTIL. Mercados, famílias e rede de proteção social.** CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. NEU – Núcleo de Etnografias Urbanas. 2018.

IPEA. **INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. ATLAS DA VIOLÊNCIA 2021.** GOVERNO FEDERAL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. 2021.

LIMA, A. F. **Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso: a identidade na perspectiva da psicologia social crítica.** São Paulo. FAPESP. EDU. 2010.

MARQUES, E. de S. A.; CARVALHO, Maria Vilani Cosme de. **Prática educativa bem-sucedida na escola: reflexões com base em L. S. Vigotski e Baruch de Espinosa.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2017, vol.22, n.71, e227169. Epub Nov 13, 2017. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bDCVWkKnRDcRNKGpRZLvcHP/>

[abstract/?lang=pt](#). Acesso em: 9 nov. 2022.

MARTIN, V. L. de R.; BUENO, A. de G. **Slam e o direito à cidade: notas a partir do Slam da Guilhermina e do Slam Resistência Aletria**, Belo Horizonte/MG, v. 31, n. 4, p. 51-71, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/33516/29286/116219>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MARTINS, A. F. P. **CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM TRABALHO INFANTIL NO TRÁFICO DE DROGAS: VISIBILIZAR PARA PROTEGER. SCIAS**. Direitos Humanos e Educação. Belo Horizonte/MG, v.3, n.2, p. 111-130, jul/dez. 2020. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/5131/317>. Acesso em: 07 jan. 2023.

NEVES, C. A. de B. **SLAMS – LETRAMENTOS LITERÁRIOS DE REEXISTÊNCIA AO/NO MUNDO CONTEMPORÂNEO** Linha D'Água (Online), São Paulo. v. 30, n. 2, p. 92-112. out. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v30i2p92-112>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SOMERS-WILLET, S. B.A. **“Slam Poetry: Ambivalence, Gender and Authenticity in ‘Slam’”**. In: Text, Practice and Performance III, p.37-63. 2001.

SOUZA L. A.; COSTA L. F. **O SIGNIFICADO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS PARA ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE**. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-91552012000200009](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552012000200009). Acesso em: 20 out. 2023.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U.; LIMA, M. S. de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. 2001. *Revista de Saúde Pública*. 35(2), 150-158. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/rsp/v35n2/4399.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. Ed.7. São Paulo. Atlas, 1997.